



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

INFÂNCIA, SEXUALIDADE E ADOLESCÊNCIA: UMA RELAÇÃO PARA A VIDA TODA

Klaissa Verônica dos Santos Anderson

kvdsa_25@yahoo.com.br

Universidade do Estado do Pará

RESUMO

Tendo como universo de análise um grupo de 11 jovens da rede pública e particular de ensino, da cidade de Belém do Pará, este estudo traz para debate a questão da temática sexualidade na adolescência, como reflexo de sua presença no período da infância, como integrante do processo de desenvolvimento humano. Trazendo para debate a maneira como os jovens se relacionam, pensam e possuem informações sobre o assunto. Objetivando uma compreensão da temática no contexto da juventude e as formas que eles entram em contato com o assunto, por intermediações escolares e familiares desde a infância. Estudar a sexualidade sob o discurso dos adolescentes ajuda na compreensão da existência da temática no período inicial da vida, o que caracteriza a continuidade do processo de desenvolvimento humano. Realizada sob a forma de entrevistas semi-estruturadas a pesquisa investiga a temática da sexualidade na adolescência, saber como os adolescentes obtêm informações sobre o assunto, e quais são as suas referências e o que eles fazem com elas. Citando a presença das esferas familiar e escolar neste processo de orientação sexual e analisando de que forma estes disponibilizam mecanismos para promover o desenvolvimento humano do adolescente (e da criança). Apresento a sexualidade como parte integrante e iniciada na infância e observada na adolescência.

ABSTRACT

As an analytical universe a group of 11 young people from public and private school system in the city of Belém do Pará, this study brings to debate the issue of thematic sexuality in adolescence, as a result of their presence during childhood, as an integral Human development process. Bringing to debate the way young people relate, they think and have information about it. Aiming at an understanding of the subject in the youth context and the ways they come in contact with the subject, school and family-ups since childhood. Studying sexuality in the discourse of adolescents help in understanding the theme of existence in the early period of life, which characterizes the continuity of the process of human development. Held in the form of semi-structured interviews the research investigates the theme of sexuality in adolescence, know how teenagers get information about it, and what are their references and what they do with them. Citing the presence of family and school spheres of sexual orientation in this process and analyzing how these provide mechanisms for promoting human development of the adolescent (and child). Present sexuality as an integral and started in childhood and adolescence observed.

Palavras-chave: Educação, Sexualidade, Infância e Adolescência.

INTRODUÇÃO



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A sexualidade não aparece de repente, mas decorre de um lento processo de amadurecimento (LERNER, 1980). Se inicia na infância desde os primeiros dias de vida, e se manifesta de formas diferentes em cada momento da infância. O contato com o seio materno desperta a primeira vivência de prazer no ser humano.

Segundo o psicanalista Sigmund Freud, independente de sua condição mental – *sanidade* – o indivíduo possui algo em comum com os outros indivíduos conhecido como *energia sexual; energia erótica, tensão sexual e o prazer*, conhecida também como a *libido*, que está em toda superfície corporal, que muda o lugar de concentração conforme o crescimento e desenvolvimento humano, como por exemplo, na fase adulta, onde se concentra nas genitárias (masculina e feminina).

Recorrendo ao auxílio da psicologia, faz-se pertinente citar as fases do desenvolvimento psicosssexual freudiano: Fase Oral, onde para a criança o sentimento de prazer encontra-se nos lábios; Fase Anal, aqui a área que oferece prazer à criança e o ânus; Fase Fálica se apresenta como a fase da curiosidade sexual, onde a criança apresenta grande curiosidade por seus órgãos sexuais (Complexo de Édipo e Complexo de Eletra ou Complexo de Édipo Feminino¹); Fase ou Período de Latência, logo nos primeiros anos escolares, acontece a “separação dos sexos”; Fase Genital, surge a predisposição sexual, o corpo responde aos impulsos sexualmente. A partir desta fase ocorre o processo de erotização, a satisfação começa a aparecer no outro.

Com esta breve análise freudiana, e auxílio da psicologia, apresentar a existência da temática sexualidade na infância para dar margem à discussão sobre o tema neste período da vida. Devo salientar que compreender a sexualidade na adolescência possui uma dimensão diferente da observada na infância, pois apresenta teor corporal do ato sexual, da relação sexual, do sexo propriamente dito. Mas elucidar a presença da temática desde o início da vida do ser humano nas formas de prazer que representa à criança, por exemplo, quando se está descobrindo ao tocar seu corpo; que o acompanha no decorrer de seu desenvolvimento e não “surgindo”, por exemplo, na puberdade. Por isso, acredito em um trabalho continuado de discussão da temática.

¹ A criança passa a enxergar no pai, a menina com o Complexo de Édipo Feminino e o menino na mãe, com o Complexo de Édipo fontes de ‘prazer’ e ciúmes.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Neste contexto, apresento outras considerações sobre infância, destacadas por Airés (1981), ao afirmar que a constituição da nova forma de tratá-la (assim como a família) pode ser entendida na transição do século XVII para o século XVIII, quando passou a ser entendida como um período de ingenuidade e fragilidade do ser humano, tendo o sentimento da infância a ver com vigiar e disciplinar, separando-as do ‘mundo dos adultos’.

Em vista disso, o sentimento de infância que tratou Ariès (1981) ligava-se ao fato dos adultos serem responsáveis por elas, preservando, fortalecendo e educando. Neste sentido, a família também se estrutura para servir de base, juntamente com a escola, para preparar a criança e o adolescente para o convívio em sociedade – que o autor chama de socialização².

Em outro contexto espaço-temporal, comentando a infância nos Estados Unidos, no final do século XX, Postman (1999) mostra que crianças e adolescentes são inseridos desde cedo no mundo dos adultos e traz uma questão importante para repensar a infância. Sua principal tese é de que a infância, fase de ingenuidade, cuidados e proteção, como destacou Ariès (1981), está desaparecendo.

Postman (1999) diz que o sentimento de infância foi possível pela conjugação dos seguintes aspectos: proteção e cuidados na família, escolarização e proteção dos segredos dos adultos, todos eles relacionados ao sentimento de atenção à idade e ao processo de crescimento. Fala, então, que a infância está passando por uma ameaça, ligada diretamente à expansão dos meios de comunicação, que não conseguem mais proteger a infância do segredo dos adultos.

Considerando as posições de infância e corpo na sociedade moderna, segundo Ariès (1981), e que também foi tratada por Postman (1999), considerando suas especificidades, a “invenção da infância” assume uma posição de inocência e pureza, sendo necessário o envolvimento de todos na discussão do assunto e na explicação desde a infância. Já que as músicas, as ações, a televisão e as brincadeiras brincadeiras delas próprias têm cada vez mais esta temática abordada, levando-as a pensarem,

² As crianças passaram a ter conteúdos a aprender. Embora com uma função disciplinadora, a escola não nasce com uma definição de idade específica para começar a ser freqüentada. Ela tinha que disciplinar e proporcionar conhecimentos técnicos sobre determinados assuntos.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

discutirem e perguntarem sobre o assunto, o que requer de pais, educadores e da escola “explicações” a dar. Assim, disponibiliza a criação de um adulto consciente, comprometido com a sua sexualidade e respeitando o próximo, por entender e conhecer tais conceitos e formas.

➤ OBJETIVOS

- Analisar se a presença da sexualidade na infância se apresenta como parte integrante do processo de desenvolvimento da criança;
- Investigar como o adolescente vivência sua sexualidade sob a influência da cultura e sociedade;
- Pesquisar se a orientação sexual na infância é relevante para o processo de formação, e seus reflexos na adolescência.

METODOLOGIA

Foi realizado inicialmente levantamento e pesquisa bibliográfica para material de consulta e pesquisa. Em seguida foram selecionados os sujeitos para entrevista quali e quantitativa, com perguntas abertas que deixasse os sujeitos desta pesquisa livres em suas respostas e observações.

A temática sexualidade e sexo por estar relacionada a tabus, valores e concepções de ordem pessoal e cultural facilita o modo, ou não, como lidamos com a questão, seja em nossa vida sexual e afetiva, seja na orientação das crianças e jovens.

Todos temos sexualidade. Somos pessoas dotadas de desejo, com um corpo erótico e prazeroso, com potencial orgânico para que, no desenvolvimento, possamos sentir e dar prazer, expressão de desejo, excitação, procriação, etc.

Então, mais do que nosso corpo físico, a sexualidade humana também aparece nos conceitos que temos do que é “ser mulher”, “ser homem”, “o que é beleza”, “o que é amor”, etc. E assim, todos nós temos um corpo erotizado, e também influenciado pelas determinações sobre sexualidade.

O sexo, para os jovens, tem o caráter de ‘prazer’ e ‘sacanagem’, conforme mostrou Sayão (1997). E para que possam ser ouvidos e levados a sério, é necessário



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

que isto seja considerado. De nada adianta veicular as informações sobre o funcionamento do corpo de forma asséptica e desvinculada do prazer, pois desse modo o jovem continuará do mesmo jeito que estava. É preciso ouvir o que os jovens perguntam. Nem sempre eles entendem o que se passa com eles e sua sexualidade.

Ao entrar na adolescência, o jovem perde o corpo infantil e segurança e a proteção dos pais, mesmo que ilusórias, e inicia o contato com a dura realidade: a impossibilidade de ser completo. Essa completude nunca existiu na verdade, mas sempre foi imaginada na infância.

Compreendo que o objeto de estudo é que determina a escolha da metodologia empregada, a sistematização e análise dos dados. Nesse sentido, elegi a abordagem qualitativa para trabalhar o problema desta pesquisa. A coleta de dados para a pesquisa foi realizada no período de setembro a outubro de 2009, com entrevistas semi-estruturadas, de forma quantitativa e qualitativa. Foram entrevistados 11 adolescentes, sendo 6 do sexo feminino e 5 do sexo masculino, com idade entre os 12 e 17 anos de idade. Destes, 5 estudam em escolas da rede pública de ensino e 6 em escolas da rede particular, nas séries da 4^a, 5^a e 8^a, do ensino fundamental; e nas três séries do ensino médio, o que pode ser observado no quadro a seguir.

Quadro1: Perfil dos Entrevistados e Composição do Grupo Doméstico

NOME³	IDADE	SÉRIE	REDE DE ENSINO	COM QUEM MORA
Juliana	12	4 ^a série, ensino fundamental	Pública	Pais, Tios (as), Primos (as), Irmãos, Avó.
Mariana	14	1 ^o ano, ensino médio	Pública	Mãe e Irmão (mais velho).
Cláudia	17	2 ^o ano, ensino médio	Pública	Pais, Tios (as), Primos (as), Irmãos, Avó.

³ Todos os nomes utilizados nesta pesquisa são fictícios.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Kamila	13	5ª série, ensino fundamental	Pública	Irmã (mais velha), Cunhado, Mãe, Pai e Irmã do cunhado.
Bruna	14	8ª série, ensino fundamental	Particular	Pai, Mãe e Irmão.
Luísa	15	1º ano, ensino médio	Pública	Avó, Tio e Tia.
David	15	1º ano, ensino médio	Particular	Pai, Tia e Avó.
João	17	2º ano, ensino médio	Particular	Avô, Avó, quatro Irmãos e Tia.
Mário	16	1º ano, ensino médio	Particular	Avô, Avó, quatro Irmãos e Tia.
Gabriel	17	3º ano, ensino médio	Particular	Pai, Mãe, Irmã e Tia
Luís	17	2º ano, ensino médio	Particular	Pai, mãe, duas irmãs (mais velhas).

Como podemos observar, os entrevistados apresentam diversas configurações de arranjos familiares, de família, que diferem da formada por pai, mãe e filhos; como por exemplo, famílias formadas pelo jovem entrevistado (a), tio, tia e avós, que são importantes para compreender a maneira como percebem a questão da sexualidade, dentro e fora de casa, como mostrarei mais adiante.

A construção da análise contou, ainda, com o contato do adolescente com questões relacionadas à sexualidade no período da infância, também ponto de discussão deste trabalho, para entender de que maneira esta prática de orientação se desenvolveu e de que forma ela está se refletindo na adolescência.

A família e a escola apareceram nesta entrevista, citadas pelos adolescentes, dentro do processo de educação/orientação sexual, com a presença de algumas lacunas, no que diz



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

respeito a este processo. Ausência ou poucos trabalhos, discussões da temática que prejudicam o processo de desenvolvimento dos jovens, que começam a ouvir (e a falar) sobre sexo muito cedo, por volta dos 12, 13 anos de idade, e que não possuem orientação para se comportar diante desta ‘novidade’, crescendo sem elas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi relatado que a escola e a família parecem não falar (muito) do tema. A escola foi apontada como quem mais contribui para este processo (possuindo também suas lacunas), com alguns trabalhos sobre a temática da sexualidade⁴. Já a família, parece trabalhar só quando assunto faz relação com o convívio familiar, exemplo questões de opção sexual⁵. A sociedade foi apontada também como silenciadora diante desta discussão.

Entre a escola e a família, os adolescentes parecem ‘escolher’ a escola para algum tipo de esclarecimento sobre a temática, pois parece existir uma liberdade maior e mais abertura para que esta conversa aconteça. A família parece só falar sobre questões básicas, de cuidados, prevenções (todos relacionados ao sexo), entre outros assuntos considerados ‘superficiais’ para os entrevistados.

Os adolescentes levantaram a hipótese da existência de um possível preconceito para que assuntos relacionados à sexualidade (principalmente que remetam a ideia de sexo) não sejam discutidos ou debatidos; seja na família, na escola ou em outros ambientes sociais. Por este motivo, o jovem procura a informação com quem se disponibiliza a falar do assunto, em lugares e de maneiras que saciem sua necessidade de informação, já que a discussão não emerge na escola e/ou na família, de onde mais esperam e acham que deveria ‘sair’ a informação, como por exemplo, a internet.

Há ainda discursos, na esfera familiar, que apresentam assuntos como namoro, corpo, sexo/sexualidade sem alguma importância, como impasses para os estudos e para a vida dos jovens, daí a recusa de alguns para falar sobre o assunto, conforme apresentado pelos adolescentes.

⁴ Como por exemplo, com atividades (avaliativas ou não) sobre temas afins, como violência sexual, doenças sexualmente transmissíveis – DST’s, camisinha; atividades especificamente biológicas, de conteúdo de sala de aula, livros didáticos e palestras.

⁵ Um dos entrevistados revelou existir um caso de homossexualismo na família, com um primo. E que a família por isso passou a conversar sobre o assunto com ele.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A falta de intimidade dos pais (pai e mãe, especificamente), bem como de tempo marcou o discurso dos adolescentes nesta ‘ausência de discussão’. Alguns apontaram a ausência do comprometimento em falar, trabalhar com o assunto, parece sempre existir brincadeiras envolvidas, até pelos próprios adolescentes, o que prejudica o processo de desenvolvimento.

Os amigos sempre muito citados como aqueles mais liberais, que falam sobre todos os assuntos, clara e abertamente, muito diferentes da família e da escola, que praticamente não fala no assunto, algumas vezes até proibindo. A maioria dos entrevistados confessou serem frequentes as conversas sobre temas relacionados à sexualidade, principalmente no que diz respeito ao sexo, entre os amigos. Mas a presença da mídia neste processo de informação da sexualidade, mais uma vez em questões relacionadas ao sexo, também é forte, algumas vezes sendo a principal fonte de informação.

Foi revelado ainda outro espaço como de grande influência e ‘fonte inicial’ de contato com a sexualidade, principalmente no período da infância: a ‘rua’. Termo utilizado pelos entrevistados para designar espaço exterior aos de casa e escola, frequentado por amigos e famílias, sujeitos muito presentes na vida dos jovens, que positiva ou negativamente o influenciam. Dizer que este espaço é a principal fonte de informação sobre assuntos até então pouco ou nada conhecido por crianças na faixa etária de 8, 9 anos de idade – sexualidade, e é bom que se entenda que um dos enfoques dado ao tema desta pesquisa, pelos adolescentes entrevistados diz respeito ao sexo, enquanto sexualidade, relações sexuais, revelou ser o primeiro contato direto com o assunto, seja pela televisão, sob a forma de filme, comerciais, outras formas de apresentação da mídia, e ainda, sendo dita como a principal, as conversas dos adultos, que mais uma vez aparecem sobre os mais novos e o influenciam.

Os entrevistados apresentaram a sexualidade como um tema presente desde a fase da infância, que já começa a despertar a atenção para questões relacionadas e o interesse do jovem, criança para assuntos afins. Até no período da infância, quando criança, as conversas sobre o assunto eram mais frequente entre os amigos, que quando



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

alcançam a adolescência continuam sendo a ‘forma mais utilizada’ para falar sobre o assunto, declarado pelos adolescentes como ‘mais acessíveis’. Alguns adolescentes apontaram os amigos como principal fonte de informação.

CONCLUSÃO

Finalizando, compreendo que falar de sexo é atender ao interesse e retorno da criança, que busca o reconhecimento a partir de sua curiosidade e sensibilidade.

Sexualidade tema de expressão natural, intrínseca a todo ser humano e presente na interação com outras pessoas, portanto, construída por relações humanas sob a visão dos adolescentes, é representada por concepções corporais, sexuais. Os adolescentes com quem conversei (é isto mesmo? Era deles que estavas falando aqui?) parecem ter ideia clara de que sexualidade se restringe às questões sexuais, da relação sexual – sexo. Isto pode ser observado com alguma influência no universo escolar, onde apenas questões biológicas, do livro didático são apresentadas e estudadas. Por isso, Nunes (2006), que ‘sexualidade, educação sexual não se reduz às partes’, por isto, nota-se uma carência relacionada a real dimensão do tema sexualidade. Revelado por Freud com as fases de desenvolvimento psicosssexual da criança, mencionadas anteriormente; afirmando a existência da sexualidade no período da infância.

É necessário que se entenda e compreenda a presença da sexualidade desde a infância, em pequenos gestos de prazer, mas que não necessariamente demonstre formas de consumação do ato sexual. A sexualidade da criança deve ser orientada no sentido do seu desenvolvimento, principalmente pela infância que está sendo erotizada, muitas vezes pelos próprios pais.

Os adolescentes deste trabalho sentem a ausência desta discussão, logo quando começaram, a ter algum tipo de contato com o assunto, direta ou indiretamente (lá pelos seus 09, 10 anos de idade, como me disseram). Apontaram existir uma espécie de obstáculo para se falar do assunto, seja na escola ou na família, que apareceram como sujeitos sociais muito presentes no discurso dos entrevistados como importantes e ausentes no seu processo de desenvolvimento e discussão da temática.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Em um momento onde o assunto atualmente vem recebendo grande destaque por casos que envolveram relações sexuais, jovens (menores de idade) e uma grande repercussão, os adolescentes estão voltando suas atenções para ele⁶.

O sexo cada vez mais desperta o interesse e vontade nos jovens que o consideram como ‘inevitável e importante’, e que sexualidade seria uma forma de autoconhecimento. Apesar das frequentes brincadeiras que eles envolvem quando falam entre si sobre o assunto, há de se considerar que também estão expondo seus interesses e verdades: “É de acordo com esse estilo que, acima de tudo prazeroso, que eles podem dizer muitas de suas verdades e ouvir tantas outras” (SAYÃO, 1997, p. 102).

Durante as entrevistas, percebi que a família se apresenta como a mais ausente neste processo, apesar da escola não possuir grandes formas de trabalhos com o assunto, tendo apenas algumas atividades “superficiais”⁷, contudo aparece mais envolvida no processo que a família, que foi apontada como fundamental neste processo.

O que todos precisamos, é permitir que o adolescente se compreenda e isto começa na infância. Para isso, é necessário ouvir nas entrelinhas o que ele quer dizer, mas não pode, não consegue a oportunidade de se reconhecer na mídia, ter sua dúvida respeitada, comentada, esclarecida, ser objeto de alguma brincadeira e, ao mesmo tempo, ter sua identidade preservada com o uso de algum recurso que permite o anonimato são pistas para o ponto de partida.

Deve-se, através da orientação sexual, fazer com que as crianças e jovens compreendam a busca pelo prazer como uma dimensão saudável da sexualidade, conhecendo seu corpo, valorizando e respeitando a si e aos outros, protegendo-se. Bem como, adotar práticas de sexo protegido, ao iniciar-se no relacionamento sexual, desenvolvendo consciência crítica e tomando decisões a respeito de sua sexualidade.

Daí a importância desta educação, orientação em todos os níveis sociais, da infância à adolescência, sempre respeitando condição, idade e questionamento. Afinal, também é

⁶ Caso ocorrido em uma escola da rede pública de ensino da cidade de Belém/PA, onde uma jovem de 13 anos aparece em cenas explícitas de sexo com outro adolescente também menor de idade, de 15 anos, ambos uniformizados, no banheiro da instituição. Que causou muitos comentários por ter sido gravado e ido parar em um site da internet muito visitado.

⁷ Termo utilizado pelos jovens nas entrevistas. Como por exemplo, palestras, feiras de exposições.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

educação para o exercício da cidadania, mediante o incentivo da sociedade (CONSTITUIÇÃO FEDERATIVA, 1988).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÉS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

BARDIN, L. *Análise do Conteúdo*. Lisboa: Persona, 1977.

BRASIL, Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*: promulgada em 5 de outubro de 1988. In: BRASÍLIA: Senado Federal, Subsecretaria de edições técnicas, 2009.

BRASIL, Estatuto da Criança e do Adolescente (*Lei 8.069 de 13 de julho de 1990*). In: BRASÍLIA: Senado Federal, Subsecretaria de edições técnicas, 2009.

BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (*Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996*). In: BRASÍLIA: Senado Federal, Subsecretaria de edições técnicas, 2009.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural, Orientação Sexual*. Brasília: MEC/SEF, 1997. 164 p. vol. 10.

BRASIL, Secretaria de Justiça e Direitos Humanos (SEJUDH). *Coletânea de Textos - Direitos Sexuais são Direitos Humanos*. Comitê Nacional de Enfrentamento à Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes, 2006.

FREUD, Sigmund. *Cinco Lições de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1970.

GOLDENBERG, Mirian. *A Arte de Pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

GUIMARÃES, Isaura. *Educação Sexual na Escola: mito e realidade*. Campinas, SP: Mercado de letras, 1995.

LERNER, Léa. *Criança Também é Gente*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Bloch, 1980.

MAIA, Ana Cláudia Bertolozzi. Sexualidade: Reflexões sobre um Conceito Amplo. SBPN – Cientific Journal, vol. 5 (1), 2001.

MORAES, Nilton Alves de. *Uma responsabilidade do Estado?* In: RIBEIRO, Marcos (Org.). *Educação sexual: novas idéias, novas conquistas*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

NUNES, César e **SILVA**, Edna. *Educação Sexual da Criança*. São Paulo: Vozes, 2006.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

POSTMAN, Neil. *O Desaparecimento da Infância*. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

RIBEIRO, Paulo Rennes Warçal. *Sexualidade também história: comportamentos e atitudes sexuais através dos tempos*. In: MAIA, Ana Cláudia Bertolozzi (org.). *Sexualidade e Infância*. Cadernos CECEMCA nº 1. Bauru, Faculdade de Ciências: CECEMCA, Brasília: MEC/SEF, 2005.

SARTI, Cynthia Andersen. *O Jovem na Família: o outro necessário*. In: VANNUCHI, Paulo e NOVAES, Regina. *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. – São Paulo: Editora Fundação Perseu. Abramo, 2004.

SAYÃO, Rosely. *Saber o Sexo? Os problemas da informação sexual e o papel da escola*. In: AQUINO, Julio Grappa (org.). *Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1997.

SILVA, Maria Cecília Pereira da. (org.). *Sexualidade Começa na Infância*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

VELHO, Gilberto. *Família e Subjetividade*. In: ALMEIDA, Ângela Mendes de; CARNEIRO, Maria José; PAULA, Silvana Gonçalves (org.). *Pensando a Família no Brasil da Colônia à Modernidade*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo: Editora da UFRJ, 1987.